



Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e Impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

ASPIRAÇÃO JUSTA

A nossa estação



BARCELLOS — este centro populoso e de tanta importancia industrial, agricola e commercial — aspira, de ha muito tempo e com justificadissima razão, a ter um edificio da estação do caminho de ferro que esteja á altura d'esta sua importancia industrial, agricola e commercial.

A estação de Barcellos é talvez aquella que, da linha do Minho, mais rendimento dá ao Estado. E' importantissimo o seu movimento de passageiros e de mercadorias exportadas.

E para corroborar esta nossa affirmação, basta saber-se que, no anno que findou, o rendimento proprio da nossa estação foi de: numero de bilhetes vendidos, 30:180; mercadorias exportadas pelas tarifas de pequena velocidade, 2:984:682 kilogr.; ditas pelas tarifas de grande velocidade, 408:824 kilogr. O que tudo reduzido a reis, deu o rendimento de 39:584\$840 reis.

Ora uma estação que dá tamanho rendimento, e este tende a augmentar de anno para anno, é justo que não só seja elevada á cathogoria de 1.^a classe, mas que o seu edificio seja amplo, com boas acomodações — emfim — digno de uma terra commercial e industrialmente importante como é Barcellos.

Talvez que com menos razão, pois que com certeza o rendimento d'ellas não será igual ao da nossa, as estações de Vianna e Nine, não fallando na de Braga, possuem magnificos edificios, d'um luxo pouco vulgar, pelo que até são considerados os melhores desta linha do Minho

Não queremos porem negar' o direito, que aquel-

C.M.B. Biblioteca

las localidades tem, de possuir esses bons edificios — tão sómente avançamos a esta forma d'exportar para mostrar quanta justiça temos em pretender na nossa estação um edificio, embora não luxuoso, mas ao menos confortavel e amplo.

Esse melhoramento importante que se conseguiu, o do alargamento das vias e o novo caes, embora seja tomado como uma conquista, nós não entendemos que o fosse, pelo motivo de que era grande a difficuldade que havia para fazer as manobras dos wagons e difficuldade havia tambem para se arranjar logar para a descarga de madeiras, louças, etc., que á estação chegavam para embarque. D'ahi, a necessidade do melhoramento que se fez a instancias d'alguem, mas que utilisára, mais que o publico, as conveniencias da companhia ou direcção dos caminhos de ferro.

A coberta sobre a *gare*, essa, é que a direcção dispensava, porque lhe não tracia conveniencias. A isto é que nós chamamos conquista, porque utiliza ao publico. Mas tambem é certo que o melhoramento não foi só para a nossa estação.

*

Vae sendo longo este artigo. Por isso, vamos resumir um pouco as nossas considerações até que ao assumpto posamos outra vez voltar.

Visto o rendimento proprio da estação de Barcellos, o seu grande movimento de passageiros, o menos patriota verifica, sem grande perspicacia, a justiça, que Barcellos tem, em pedir um novo e mais amplo e mais commodo edificio. E se ainda o não verificar assim, basta dirigir-se á estação, na occasião em que ali chegue o comboio expresso, por exemplo, e veja como os passageiros se acotovellam, com que difficuldades conseguem comprar bilhetes e embarcar.

E' acanhadissimo o recinto destinado ao publico para a venda dos bilhetes. E' acanhadissima

tambem, a *gare*; e, sobretudo, a sala destinada aos passageiros de 1.^a e 2.^a classes, é pequenissima.

Não temos tambem ali uma sala que possa ser utilizada pelos passageiros de 3.^a Estes, e os de 1.^a e 2.^a que não caibam na respectiva pequenissima sala, teem de passear na acanhada *gare*, quer chova quer faça sol.

Mas ha mais ainda: — onde tem a nossa estação um caes ou um recinto proprio para ter as mercadorias de grande velocidade e até bagagens á espera do seu levantamento?

Todas estas razões — se outras ainda não houvesse — bastavam para justificar o pedido que, cremos, já tem sido por vezes feito para a ampliação do edificio da estação.

*

Temos informação, colhida em conversa, com

pessoa illustrada, de que, ha já tempos, o estudo para a ampliação do edificio está feito e prompto está tambem o projecto e planta. Falta, portanto, que a digna Direcção dos Caminhos de Ferro ordene a execução de tal trabalho.

Para isso, a nosso ver, bastaria que a Camara Municipal, com a Associação Commercial, trabalhasse para que tal ordem da direcção fosse dada. E se isto não bastasse, pessoas de muita respeitabilidade e de competencia ali temos que, a pedido da Camara e da Associação Commercial, se interessariam pelo assumpto que, mais uma vez o dizemos, constitue uma reivindicação justissima do povo barcellense.

Opportunamente voltaremos ao assumpto e, então, outras considerações teremos occasião de expôr.

Interesses locais

FESTAS DAS CRUZES

O que ellas teem tido de brilhante, de interesse para a nossa terra e o que ellas pôdem produzir em beneficios para o publico, dil-o a tradição que não morre e a consciencia que não engana.

E' pelas festas que as populosas localidades fazem a propaganda dos seus productos e é por ellas que todos procuram attrahir o forasteiro para as temporadas do verão.

São ainda as festas que levantam e dão nome ás povoações provincianas. Braga, não faz a festa ao S. João só para os bracarenses; fal-a, organisando-as espaventosamente, para alli chamar o forasteiro e mostrar-lhe a magnifica instancia do Bom Jesus.

Guimarães, faz tambem as *Gualterianas* com vistosa pompa, tambem para mostrar aos forasteiros a sua Penha; e, como estas, outras terras. A Povoia de Varzim, tambem organisa festas balneares, para chamar os banhistas; Villa do Conde, segue-se-lhe na esteira. Vianna, prepara tambem com luxo a sua festa d'Agonia, para mostrar ao visitante o monte de Santa Luzia e as margens soberbas do Lima.

Todas as terras, como se vê, procuram attrahir o forasteiro com a realisação de festas.

Nós, então, procuramos segui-las no exemplo, abrindo na tres annos a esta parte uma propaganda justissima das nossas tradicionaes festas

das Cruzes, tambem para mostrar ao forasteiro as bellezas naturaes da nossa terra e essa feira soberba que ali temos e que é uma constante exposição agricola, industrial e pecuaria. E as festas, só por si, constituiram um reclame importante e só ellas eram capazes de mostrar ao viajante que a nossa terra tem magnificos ares, — esse ar puro que nos chega filtrado de todos os lados — bellissimos recreios nos seus suburbios e umas margens encantadoras a acompanhar o Cavado! E tudo isto é formado pela mão mestra da Natureza, que atravez dos seculos nos vem mostrando a sua grandeza artistica e o seu soberbo bom-gosto na disposição formosa dos arvoredos desalinhados.

Essas festas são, portanto, a maneira facil de contribuir para o engrandecimento de Barcellos e o meio de propaganda mais pratica para chamar forasteiros.

Essas festas não pôdem pois acabar. E' preciso que ellas se façam n'este anno, com tanto ou mais brilho das dos anteriores.

Não podem ellas acabar sem que primeiro acabe o bom gosto e os sentimentos patrioticos. E, atravez de todos os tempos e de todas as epocas, as festas nunca deixaram de ter forasteiros nem nunca deixaram de ser alegres.

Não pôdem as nossas festas das Cruzes acabar tão cedo, porque, acabadas ellas, veriamos morrer tambem o bom nome de que esta terra goza em todo paiz, e que tem sido creado por ellas.

E se isto é assim, para que existir esse rumor desalentado que já por ali corre, querendo dizer que n'este anno não teremos festas? Quem acre-

CÔR NEGRA

Ao Elyseu Azevedo

*Eu amo a treva porque sou 'studante
E a minha capa é negra de paixão,
Eu amo a treva porque sou irmão
Da nuvem da desgraça cruciante.*

*Eu amo a treva porque a minha amante
Tem um olhar escuro de emoção,
Eu amo a treva porque adoração
Tributo á trança negra, deslumbrante.*

*Eu amo a treva porque a Nazarena
Tinha uns olhos negros de Piedade,
Eu amo a treva porque a minha Mãe*

*Gosta tambem do negro e é morena,
E tem no seu olhar só de Bondade
Laios d'escuridão que é Luz e Bem.*

Porto 27—1—910

NUNO SIMÕES

dita n'isto? Morreria, porventura, o patriotismo, o amor que todos devemos ter pela nossa terra?

Não! As festas das Cruzes hão-de fazer-se; ou ellas não tivessem a amparar a sua grandeza a patriótica Associação Commercial.

E esta corporação tem, como já no anno que passou tinha, uma direcção zelosa, que não olha só pelo commercio que representa, mas olha tambem e com particular interesse, pelas cousas de Barcellos.

E' ella que nos ultimos tempos tem mostrado trabalhos em defeza e promoção de interesses e melhoramentos locais e é ella, a patriótica e util collectividade, que não deixará acabar as unicas festas que esta terra deve manter, embora com sacrificio, por que são ellas que pôdem influir muito no nosso progresso.

Para que, pois, esse rumor que por ali passa ligeiro, de que n'este anno não teremos festas? — Para as não termos, — repetimol-o — era pre-

ciso que tivesse acabado o patriotismo e que com elle fosse tambem a nossa Associação Commercial.

Tenhâmos portanto esperanza n'essa aggremação; tenhamol-a, e bem fundada; que se a sua digna e zelosa direcção quizer, nós teremos as festas, brillhantes e attractivas.



Apontamentos para historia de Barcellinhos

Capella de S. Braz

Esta capella é anterior ao seculo XV, tendo então na sua frente um coberto que servia de abrigo aos devotos que vão levar as suas offerendas áquelle milagroso Santo, depois do dia da romagem, a qual, por um costume antigo, se realisa no domingo immediato ao dia 3 de feveiro, ou n'esse mesmo dia, coincidindo ao domingo.

E' tradição de que foi fundada por um antigo senhor da proxima casa e quinta de Lavandeiras, que hoje possui, por herança, ao ex.^{mo} sr. dr. Manoel Belleza da Costa d'Almeida Ferraz, residente na freguezia de S. Julião de Freixo, do visinho concelho de Ponte do Lima.

Até o anno de 1882, esteve de posse d'ella a mesma illustre casa; e porque em 19 de abril de esse mesmo anno falleceu D. Maria Belleza de Andrade Ferraz, mãe do referido sr. dr. Manoel Belleza e seus irmãos o major d'infanteria n.º 20, sr. Domingos Belleza e sr. dr. José Belleza, residente em Africa, passou para o dominio da junta de parochia que, com o producto das esmolos dos fieis, lhe mandou fazer o adro e o escadorio.

Institui-se ali ha poucos annos uma confraria que a administra, e projectou-se uma nova capella, levantando-se para isso a respectiva planta de que já nem se sabe o paradeiro.

B. ANTAS.



Dois rabiscos

Ha quasi um anno que um grupo de rapazes, cheios d'essas santas creanças que dão as grandes energias, fundou a *Barcellos-Revista*.

Cartas, cartões, pedidos directos e indirectos tudo recebi em devido tempo, e, mais vale tarde do que nunca, aqui deixo o meu agradecimento pela penhorante amabilidade.

Mas, já vae passado quasi um anno e, a despeito de tanta amabilidade, eu tenho permanecido n'um silencio pouco delicado.

Quem, por dever indeclinavel, todas as semanas tem de collaborar activamente na redacção de um jornal politico, fica com a cabeça tão cheia de coisas e coisinhas que, para fazer um artigo a fingir de litterario, se vê em serissimas difficuldades.

A vida do jornalismo politico-partidario, em terras de provincia d'este abençoado paiz, é inimiga irreconciliavel da serena e limpida forma indispensavel na factura de um artigo litterario.

O jornal politico de provincia obriga a tomar conhecimento de mil coisinhas antipathicas e estupidas, obriga a remexer em muita porcaria, e, o que é mais, obriga a tomar a serio as *graves questões* do nosso Tarascon.

A Revistinha, deixem-me assim chamar á *Bar-*

cellos-Revista, veio protestar contra a inercia do meio, veio quebrar a monotonia da vida de soalleheiro, especialidade que Barcellos procura aperfeiçoar com tanto amor como a laranja doce ou os *cãesinhos* das romarias.

Quando appareceu a Revistinha, modesta na apresentação e tão cheia de bella e conscienciosa collaboração eu, com franqueza, fiquei boquiaberto, perguntando a mim mesmo se não seria phantasia ou allucinação minha a ideia de um jornal assim, tão limpo do fatal soalheiro.

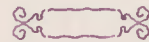
Era verdade, felizmente, e, na mudez de esphinge com que respondia aos gentis convites da sua illustrada redacção, eu ia acompanhando os primeiros passos d'essa creancinha promettedora, por cuja vida os seus redactores, como bons papás, velam na mais carinhosa das solitudes.

E, confesso, aqui muito em segredo, já tinha remorsos de não dar a minha quotasinha modesta de auxilio, sem valor mas cheio de boa vontade.

Quiz um logar ao lado dos seus brilhantes collaboradores. Logar modesto e um cantinho, mas era que eu não podia sentir-me bem se não principiassse por penitenciar-me.

Assim seja.

J. PAES.



Chronica ligeira

Não appareci na «Revista» do ultimo n.º, porque me não vieram chamar, quer dizer, não houve toque d'esta especie de formatura, que costuma fazer-me perfilar e pôr-me de penna em riste para archivar aqui a nota mais saliente da quinzena. Verdade é que tambem nada houve capaz de registar-se e, aqui muito francamente, eu não desgostei do feriado, pois embora esta pequena chronica seja feita á la diable, sem a mais leve pretensão, não havendo assumpto, eu teria d'ir ao encontro d'elle e podia muito bem tropeçar e esbarrar-me... eu sei lá em quê?... Talvez contra alguma beata enfatuada, d'estas que fazem arruido da sua fé, que só procuram a exterioração espetaculosa n'um triste snobismo de religiosidade apparatusa!... Talvez, e havia tanto que dizer e que commentar!...

Mas sempre era desagradavel, pois isto

BARCELLOS



Barcellinhos — Capella de S. Braz

de bolir com gatinha d'esta raça dava como certo, pelo menos, o anathema formidando d'um dos muitos Negrões que por ahí pululam.

Antes assim. Eu sempre me poupei a um trabalhinho e em vez de andar a basculhar podridões pelos antros negros da hypocrisia, venho para os ambitos alegres da folia.

Vou occupar-me do Carnaval. Foi com elle que no anno passado iniciei estas chronicas, devido a um simples e bem fortuito acaso. Mas no anno passado o carnaval deu-nos a nota inolvidavel do rancho delicioso de gentis lavradeiras.

Ai! o rancho das lavradeiras!... Este anno, nada! Nas ruas uma insipidez.

Só no theatro, as duas recitas d'amadores muito apreciaveis, chamaram alli uma concorrência extraordinaria. Foram muito bem desempenhadas duas interessantes comedias e duas chistosas cançonetas, mas no segundo espectaculo, a febre do jogo de carnaval, nem mesmo deixou apreciar o meritorio trabalho scenico. A animação chegou ao delirio e por vezes a lucta deu a impressão de pelejia dos velhos tempos.

Houve enthusiasmo quasi que até ao excesso, brincando-se a valer.

Na assembleia tambem se dançou muito e foi assim que em Barcellos o carnaval de 1910 encontrou a sua foliona consagração.

Oxalá que para o anno se diversifique mais e, porque não dize-lo? se apresente um pouco mais civilisado tambem. Pelo menos sem batatas.

M.



De relance

A nossa Misericordia

Instituidas sob a melhor protecção da Rainha D. Leonor, esposa de D. João II, as Misericordias portuguezas, essas casas de caridade que paiz algum possui tão completas e que constantemente espalham incalculaveis beneficios por todos aquelles que em momentos criticos vão n'ellas buscar agasalho e protecção, desempenham actualmente o mais importante papel no concerto inconfundivel da verdadeira Caridade.

E se as Misericordias não existissem, que seria

d'essas classes pobres que, de epocha em epocha, se vêem assoladas pela miseria e em lucta extenuante e porfiada com a doença, que arrasta e consome economias, anniquilla e faz baquear um corpo?!

Pelo movimento espantoso do nosso Hospital, — que è d'uns 60 a 80 doentes diarios — podemos concluir que se as Misericordias não existissem necessario seria inventa-las — taes são os benefícios constantes que ellas distribuem e tal è o numero de infelizes que a ellas vão buscar o agasalho de que necessitam e o amparo que a medição lhes exige.

D'um modo ligeiro, e para mostrar o que as Misericordias valem, o papel importantissimo que ellas representam: na verdadeira missão da Caridade, vou servir-me agora d'um trabalho ligeiro que a curiosidade me impellia a fazer. E não quero deixar de chamar para elle a attenção dos abastados, dos que podem contribuir, como devem, para alargar mais ainda o raio d'acção beneficente das Misericordias; nem deixar de dizer áquellas pessoas que para a nossa Santa Casa hão contribuido com donativos que, essa acção meritoria que praticaram, tem as benções dos que são contemplados com os benefícios importantes que estas casas distribuem.

Como disse acima, eu vou servir-me agora de um trabalho que por mera curiosidade fiz: o qual foi o de ter reunido a despeza que, com generos alimenticios, o nosso Hospital fez em um semestre.

Veja o leitor o que — *em um semestre* — se gastou no nosso Hospital:

Arroz, 539,380 gr.; assucar, 266,710 gr.; Azeite, 53,840 gr.; bacalhau, 328,700 gr.; batata, 644,400 gr.; café, 128,080 gr.; chá, 0,552 gr.; cigarros, 7:290; massas, 4,250 gr.; presunto, 86,021 gr.; rapé, 0,710 gr.; sal, 366,000 gr.; toucinho, 79,054 gr.; vinho, 1:615,020 litros; carneiro, 632,110 gr.; cebola, 45,500 gr.; gallinha, 231,550 gr.; leite, 4:783,400 litros; marmellada, 14,960 gr.; ovos, 2:026; peixe, 71,760 gr.; pão trigo, 5:144,890 gr.; vacca, 2:545,575 gr.; vinagre, 53,420 litros; farinha de pau, 0,030 gr.

Por aqui, — por este resumo da despeza que o nosso Hospital fez em um semestre, — pode o leitor calcular, muito aproximadamente, o mais que se dispênde em medicamentos fornecidos aos doentes internos e externos, serviço medico, empregados, etc.. etc.

E è assim que se vê o quanto são dignas da mais desvellada protecção estas por tantos titulos benemeritas instituições que — como já disse — se ellas não existissem já, necessario seria creal-as; por que, sem ellas, quantos infelizes por ahí morriam ao desamparo?!

O que porém è certo, è que estas nobilissimas instituições não teem sido, felizmente, desamparadas. Não raras vezes a imprensa refere e regista com louvor actos de benemerencia, como aquelles a que já me referi aqui, quando dos importantes donativos feitos ao nosso Hospital pelos srs. Visconde de Soutello, Dias Neiva e Lopes Leal. E estes donativos, como o leitor já sabe, foram pelos seus illustres dadores destinados ás obras que a meza administrativa projectou, no edificio do Hospital e Igreja, e que vão ser realizadas em praso curto. E essas obras tornavam-se na verdade necessarias e urgentes:

O edificio do Hospital, pelo elevado numero de doentes que ali dão quasi diariamente entrada, não tem, actualmente, as necessarias e imprescindiveis accommodações. E, com a refeida obra, ficará elle com espaçosas enfermarias, que obedecerão ás adoptadas condições hygienicas e com um balneario asseiado, para uso das pessoas internas e externas e confortaveis salas de consultas, acceitação e curativo.

Recapitulando:

A nossa Santa e Real Casa da Misericordia, presta inzalculaveis serviços ao publico; mas, felizmente, esses benefícios teem-se comprehendido.

Assim, a benemerita instituição progredirá e, em breve, teremos na nossa terra um edificio que muito a embellezará e que muito contribuirá para o bem-estar dos doentes que áquella casa vão buscar agasalho e protecção.

Louvores, pois, a quem contribua em beneficio de tão sympatica como prestante e necessaria instituição de caridade.

J. S.



Pela instrucção

Bibliotheca escolar

O sr. Antonio da Silva Montenegro, digno professor official na escola masculina de Barqueiros, d'este concelho, reconhecendo a grande necessidade e vantagem

Dos nossos poetas

BEATRICE

*Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vira erguida ;
Depois que vi descer, baixar no céu da vida
Cada estrella e fiquei nas trevas laborando :*

*Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vacuo só, e tive a luz sumida
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando :*

*Retirei os meus pés da senda dos abrolhos,
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Senão á estrella ideal, que a luz d'amor contém . . .*

*Não temas pois — Oh vem ! o céu é puro, e calma
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma . . .
A alma ! não a vês tu ? mulher, mulher ! oh vem !*

Dos Sonetos. (1890)

(1) ANTHERO DE QUENTAL.

(1) *Um Genio e um Santo, que muito padeceu, porque muito pensou e que muito amou, porque muito comprehendeu, como o definiu Eça de Queiroz. — Os seus versos são pedaços da sua alma. — Traduzem com uma forma plasticamente perfeita : as duvidas, as revoltas, as crenças e as aspirações do seu alto espirito de philosopho e de artista.*

da criação de bibliothecas escolares, tem trabalhado pela organização d'uma d'essas bibliothecas junto á sua escola.

Nada mais louvavel do que o interesse que o sr. Montenegro toma no assumpto. E era, deixem-nos dizer assim, uma necessidade que os seus collegas fizessem o mesmo.

Porque, tudo quanto se faça a bem da instrucção, é util e muito louvavel.

Applaudindo o digno professor da escola masculina de Barqueiros pela sua acertada deliberação, gratuitamente offerecemos o *Barcellos-Revista* para aquella bibliotheca escolar.

SALA DE VISITAS

Revista do Bem — Lisboa

Entrou no 6.º anno de vida, esta «publicação illustrada humanitaria, de propaganda moral e educativa».

Os nossos cumprimentos.

* * *

Cardeal Saraiva

Recebemos a visita d'este jornal que começou de publicar-se em Ponte do Lima, que se apresenta bem redigido.

O Solar dos Vermelhos

Recebemos este livro, de Manoel Boaventura, edição da Livraria Espozendense, de Espozende, a que opportunamente faremos mais larga referencia.

* * *

Illustração Villacondense

Interessante publicação mensal illustrada, de Villa do Conde. Apresenta-se bem redigida e muito illustrada.

Agradecemos a permuta.



Expediente

A partir do proximo numero, o « Barcellos Revista » inserirá novas e interessantes secções e será todo composto em typo completamente novo.



PERFIS MASCULINOS

X X

E' d'umas proximas terras
Que p'ra nós lançam a vista ;
Passa a vida pelas serras,
E tem um todo d'artista.

Faz heroicas aventuras,
Em que adora o deus Cupido ;
Mas este tem travessuras,
Que o deixam mal succedido.

Quando toca violão,
Este *D. João Tenório*,
Revoam pelo salão
As palmas do auditorio !

Na dança do *Cake walk*
E' levardinho da breca ;
Tem p'ra comico o seu toque,
Pois tambem faz de *boneca*.

Fica-lhe bem a luneta
E tem linda cabelleira ;
Risca ao meio, muito preta,
No que tem sua *chieira*.

Conta aos centos amizades,
Em pouco tempo arrançadas ;
Muito boas qualidades,
E sympathia ás carradas.

Nota

Terminam os perfis, minhas senhoras,
Beldades feminis, gentis leitoras.
Aqui vos deixo vinte perfilados
A quem puz em destaque os predicados ;
Em todos, na verdade, ha seus defeitos,
Mas onde os pode haver hoje perfeitos ?
A dedo, foram todos escolhidos
E creio que hão-de dar bem bons maridos.
Solteiros todos são e dos melhores,
Pois ha-os por ahi muito peiores ;
E d'estes, por descuido, um vem na lista
De quem vos peço, já, tireis a vista.
Terminam os perfis, minhas senhoras
Beldades feminis, gentis leitoras.

* * *

Senhor's amigos meus que perfilei :
Perdão se alguma vez vos melindrei ;
O meu intuito foi d'engrandecer-vos,
Nunca o de maldizer, nem d'offender-vos.

* * *

Amigo que dos dois, um perfilaste :
Uma partida boa me pregaste ;
Mas ficas já, meu caro, perdoado,
E eu, por essas graças, obrigado.

DOIS AMIGOS.



ERRATAS

Nos *Dois rabiscos* do sr. dr. Joaquim Paes — pag. 4.^a, linha 15 da 1.^a columna — onde se lê « serissimas », deve ler-se *seriissimas*. E na linha ultima do mesmo artigo, columna 2.^a, onde se diz « Assim seja », deve ler-se *Assim fiz*.

— Na *Chronica ligeira*, do nosso collaborador M., pag. 4.^a, columna 2.^a, na linha 3.^a, onde se lê « houe », deve ler-se *houve*.

CAPA DO 1.º VOLUME

Brevemente encontrar-se-hão á venda no « Centro de Novidades » capas especiaes para o 1.º anno d'esta revista.